

MASCULINIDADE NEGRA EM FOCO: ANALISANDO COMO ELA AFETA OS HOMENS NEGROS EM SOCIEDADE

BLACK MASCULINITY IN FOCUS: ANALYZING HOW IT AFFECTS BLACK MEN IN SOCIETY

Recebido em: 10/02/2025

Aceito em: 30/04/2025

Publicado em: 05/06/2025

Marcos Madjer Souza Morais¹ 
Universidade Federal do Maranhão

Amanda Gomes Pereira² 
Universidade Federal do Maranhão

Resumo: O presente artigo abordará, por meio de diferentes perspectivas teóricas, os contornos que regem à masculinidade negra. Verificar-se-á, o modo como a masculinidade tem controlado os comportamentos dos homens negros na sociedade, ao delimitar espaços que devem ser ocupados por eles, gerando imagens de seres violentos, além de propiciarem atitudes disfuncionais em seus ambientes familiares. A masculinidade é um fenômeno social que possui ligação com o patriarcado, em que o homem possui figura central nas diversas esferas sociais, principalmente como a exigência de ser o provedor do lar. No entanto, essa masculinidade reproduz discursos nada saudáveis ao nosso contexto social, resultando em inúmeros aspectos destrutivos tanto para o homem negros, como para a educação de meninos negros, e às mulheres que se tornam vítimas dessa relação abusiva. Para nos ajudar a entendermos todo esse caminho epistêmico e metodológico, ao qual será analisada a masculinidade, contaremos com a contribuição da colombiana Mara Viveros Vigoya, que procurou detalhar as lacunas deixadas pela escassez de estudos sobre masculinidade nos anos 90. Além de Vigoya, a afro-estadunidense bell hooks nos ajudará a perceber que a masculinidade disfuncional dos homens negros pode ser desconstruída se estivermos dispostos a acolhê-los com afeto, e ajudá-los ao processo de cura. Ademais, teremos a importante contribuição da pesquisadora afro-brasileira Lelia Gonzalez que, com seus estudos feministas afro-latino-americanos, conseguiu estabelecer uma corrente de pensamentos valiosos aos estudos de branquitude no Brasil, e Patricia Hill Collins, intelectual afro-estadunidense, ao qual nos trouxe a epistemologia feminista negra, pensamento importante aos estudos de gênero e raça, e, principalmente, a respeito das formas sociais dominantes da subjetividade negra.

Palavras-chave: Homem Negro; Masculinidade; Masculinidade Negra; Patriarcado.

Abstract: This article will address, through different theoretical perspectives, the contours that govern black masculinity. It will be verified, the way in which masculinity has controlled the behavior of black men in society, by delimiting spaces that must be occupied by them, generating images of violent beings, in addition to providing dysfunctional attitudes in their family environments. Masculinity is a social phenomenon that is linked to patriarchy, in which the man has a central figure in the various social spheres, mainly as the requirement to be the provider of the home. However, this masculinity reproduces discourses that are unhealthy in our social context, resulting in countless destructive aspects both for black men, for the education of black boys, and for women who become victims of this abusive relationship. To help us understand this entire epistemic and methodological path, which will analyze masculinity, we will rely on the contribution of the Colombian Mara Viveros Vigoya, who

¹ Possui graduação em CST em Gestão de Recursos Humanos pela Faculdade Pitágoras de Imperatriz - (MA) (2016), graduação em Ciências Humanas - Sociologia pela Universidade Federal do Maranhão (2022) e mestrado em Programa de Pós Graduação em Sociologia pela Universidade Federal do Maranhão (2024). E-mail: mmadjer7@gmail.com

² Doutora em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ UERJ. Professora Adjunta de Sociologia no Curso de Ciências Humanas, Campus São Bernardo, da Universidade Federal do Maranhão/UFMA. Parte do corpo docente do Programa de Pós-graduação em Sociologia UFMA (Mestrado Acadêmico) – Imperatriz como professora permanente. E-mail: ag.pereira@ufma.br

sought to detail the gaps left by the scarcity of studies on masculinity in the 1990s. Afro-American bell hooks will help us realize that the dysfunctional masculinity of black men can be deconstructed if we are willing to welcome them with affection and help them through the healing process. In addition, we will have the important contribution of the Afro-Brazilian researcher Lelia Gonzalez who, with her Afro-Latin American feminist studies, managed to establish a chain of valuable thoughts to the studies of whiteness in Brazil, and Patricia Hill Collins, an Afro-American intellectual, in which brought us black feminist epistemology, an important thought for studies of gender and race, and, mainly, regarding the dominant social forms of black subjectivity.

Keywords: Black Man; Masculinity; Black Masculinity; Patriarchy.

INTRODUÇÃO

O objetivo desse artigo é analisar algumas perspectivas de pesquisadoras negras referente à masculinidade, e como esse sistema tem afetado a vida de homens negros socialmente. Para tanto, existem produções acadêmicas que contribuíram de forma significativa para o desenvolvimento dessa compreensão crítica da sociedade, e como seus mecanismos opressores atingem os homens negros. Destacar-se-á, a contribuição das pensadoras Mara Viveros Vigoya, bell hooks, Patrícia Hill Collins e Lelia Gonzalez, e suas produções que giram em torno da masculinidade negra, Vigoya, Hooks e Lélia Gonzales, e a política epistemológica do feminismo negro de Collins, auxiliando-nos de modo metodológico no que diz respeito às configurações opressoras que incidem sobre pessoas negras.

Primeiramente, podemos nos envolver com os estudos que Mara Viveros Vigoya desenvolveu a respeito das masculinidades negras colombianas, que está presente em seu livro, *As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América* que irá nos ajudar a desenvolver este artigo. O ponto chave de sua pesquisa é analisar as inúmeras produções que foram realizadas por estudiosos da América Latina, e, através dessa pesquisa, Vigoya foi capaz de identificar a similaridade nos comportamentos que envolve a masculinidade de homens negros nesta região.

Nesse contexto, Vigoya destaca para o fato de que homens e mulheres exercem papéis de gênero na sociedade, mas que possuem características violentas, ao qual acarretam sistemas destrutivos da identidade desses sujeitos, como o sexismo³. Além disso, os estudos de masculinidade apresentavam um vazio de sua presença até os anos 90, e é neste contexto que Vigoya passou a se interessar pelos estudos de masculinidade. Apoiando-se as pensadoras que estudam o que ela chama de *Black Feminism* [Feminismo Negro], a autora relata a importância dos estudos que se concentram na masculinidade como meio de dissolução das políticas que oprimem as identidades dos homens negros, moldando-as a favor do sistema que o enxerga como violento.

³ Termo que se refere à discriminação e preconceito contra um gênero, neste caso, o feminino.

A próxima pensadora é bell hooks, que possui um vasto estudo a respeito de afetividade entre pessoas negras, em que recentemente lançou o livro sobre o estudo da masculinidade de homens negros, denominado *A gente é da hora: homens negros e masculinidades*, obra essa que iremos nos debruçar. Neste livro, Hooks nos apresenta as suas experiências enquanto mulher negra que viveu com homens negros que possuíam, e possuem, comportamentos disfuncionais, respondendo ao sistema dominante que o violenta, ao qual ela denomina de sistema do *patriarcado supremacista branco capitalista imperialista*.

O sistema do patriarcado supremacista branco capitalista imperialista, diz respeito aos mecanismos capazes de manter a ordem, controle e disciplina dos sujeitos. Logo, o controle das subjetividades dos homens negros está ligado ao patriarcado, pois o poder hierárquico das raças, destaca-se pelo caráter supremacista branco. A disciplina da política-socioeconômico, ou seja, a forma como é definida nossas escolhas, neste caso, está relacionada ao capitalismo. E a legitimação e continuidade desses controles, o aspecto imperialista. Dessa forma, esses são importantes aspectos estudados por Hooks que contribuem significativamente para a desconstrução de nossas identidades, de maneira saudável.

Ademais, trazer ao campo de discussão os estudos preciosos de Patrícia Hill Collins e Lélia Gonzalez, é um detalhe importante a ser unificado aos pensamentos de Hooks e Vigoya. Todas elas adotam metodologias epistêmicas diferentes para falar de assuntos em comum, como a masculinidade e o desafio das pessoas negras em se proteger da violência que o racismo produz. A afro-estadunidense Patrícia Hill Collins escreveu uma obra importantíssima para os estudos feministas de gênero e das mulheres negras, intitulada *Pensamento feminista negro*, ao qual faremos uso de parte do conteúdo presente nesse livro para analisarmos as formas de dominação sobre os homens negros. Desta maneira, iremos nos apropriar de sua teoria, de modo metodológico, como meio de identificarmos a abrangência de configurações opressoras incidentes sobre os corpos dos homens negros. Além do mais, a afro-brasileira Lélia Gonzalez nos ajudará a entender o conceito de democracia e branqueamento em que o Brasil está sobreposto, controlando nossas escolhas afetivas.

OS PAPÉIS DE GÊNERO QUE DESAGUAM NA MASCULINIDADE

A determinação biológica dos gêneros, termo utilizado por Vigoya (2018, p. 52), em que se categoriza os corpos entre macho ou fêmea, influenciou na construção ontológica das relações binárias dos indivíduos. Através de uma perspectiva histórica e cultural, passamos a ser condicionados a estabelecer uma consciência ao qual aceitássemos o estado de relações de

poder sobrepostos a nossa existência. Homens e mulheres exerceriam papéis centrais na dinâmica social, ao qual um possuiria domínio sobre o outro.

Esse contexto de dominação e submissão gerou configurações responsáveis por manter sua estrutura. Neste caso, a masculinidade é uma dessas configurações do gênero no qual se entrecruzam diferentes eixos de poder (classe, raça e status) (Vigoya, 2018, p. 52). No entanto, essa ordem dominante do gênero e suas dinâmicas sociais não podem nos levar a crer que elas sejam um fenômeno fixo, de caráter estável. Trata-se de ordens que mudam com a história, para atender a interesses de forças dominantes.

Desta forma, assim como o gênero possui uma característica mutável, a masculinidade segue no mesmo ritmo. Masculinidades definem homens do seu tempo, e respondem, ao que Vigoya (2018, p. 53) categoriza, as *ordens de gênero pré-coloniais*, ao qual são normas sociais do gênero que emergem definições do que é ser macho ou fêmea, e nos traz a configuração do que é masculinidade.

Nessa corrente dominante, tem-se a construção de uma falsa premissa em que a masculinidade se sobrepõe ao gênero feminino, tendo em vista que ambos estão construindo comportamentos opostos entre si. Ora, se a masculinidade é uma configuração do gênero que define o papel de macho do homem e fêmea da mulher, estes irão responder as suas predefinições do gênero que importam para sua construção quanto sujeitos (Vigoya, 2018, p. 55-56). Ou seja, homens e mulheres agindo de acordo com as suas categorias de gênero e masculinidade que estão sendo impostas a cada um.

Percebe-se, portanto, que a configuração dominante de gênero em detrimento a um estreito limite biológico do sujeito, sem levar em conta a sua própria dinamicidade, ou seja, as suas mudanças culturais relacionadas à masculinidade, sexualidade, e até mesmo de gênero, não abrangem outras camadas que se sobrepõem a cada indivíduo, e que se relacionam com os aspectos formativos de sua subjetividade e individualidade. Por consequência, essa diversidade múltipla de culturas, ou esse multiculturalismo, ao invés de diminuir a distância cultural entre os sujeitos e seus grupos sociais, causam o movimento inverso, já que as políticas socioeconômicas impostas para a manutenção dessa estrutura social geram exclusão de alguns grupos, e permitem que outros continuem no poder, controlando a movimentação da massa, da diversidade étnica/racial, sexual, de gênero e de classe (Vigoya, 2018, p. 63).

Outro ponto importante a ser destacado, relacionado a essa movimentação dinâmica sociocultural, fala sobre as alterações que ocorrem no cenário da masculinidade. Aliadas a um contexto histórico, as mudanças são resultadas de um conjunto de projeções próprias para

aquele contexto. Seguramente, são avaliados momentos favoráveis para que elas ocorram, e, havendo crises, neste caso da masculinidade, a presença do masculino acaba se fortalecendo nos grupos sociais aos quais ele está desaparecendo (Vigoya, 2018, p. 65).

A exemplo disso, um fenômeno social que os homens heterossexuais têm aderido ultimamente é o hábito de pintar as unhas, algo que poderia ser considerado impensável décadas atrás, ou que apenas ao sexo feminino era permitido. Para estes homens, o ato de pintar as unhas nada aflige a sua masculinidade, pelo contrário, é um novo modo de pensar sobre ela. Ou seja, a masculinidade é um sistema de poder dominante que pode ser revisto para se adequar ao contexto social, sem que essa revisão altere as configurações obrigatórias de gênero e sexualidade dos sujeitos, neste caso, que eles permaneçam homens e mulheres heterossexuais.

Ressalta-se, que a manutenção dessas configurações de masculinidade, adequadas ao contexto cultural, fazem parte de uma ordem regulatória do gênero que nos condiciona ao estado de submissão hierárquica neste sistema de dominação. Os lares de homens negros, por exemplo, possuem necessidades de regulação, tendo em vista que a construção familiar é uma das partes da estrutura social, e exercício do controle do poder dominante. A masculinidade, portanto, induz o homem ao papel de responsabilidade de chefia desse lar, mesmo quando este performa para si um tipo de homem além do esperado para ser considerado “*macho*” (Vigoya, 2018, p. 69).

Desta forma, cabe as identidades masculinas, de acordo com Vigoya (2018, p. 70), articularem-se às crises e transformações econômicas, bem como a seu impacto nas relações de gênero. O desafio de enfrentamento dessas mudanças não é só o de corresponder à masculinidade, mas de entender que os papéis de gênero também estão se invertendo, e tanto homens quanto mulheres podem compartilhar o mesmo exercício de poder. Este movimento, em torno da responsabilidade do gênero, reflete-se no âmbito familiar. Ou seja, lares em que o único provedor financeiro era o marido, as esposas também passam a dividir as despesas, ou elas, sozinhas, são responsáveis pelo sustento da família.

Contudo, estar desempregado ou em qualquer outra situação ao qual impossibilite o homem de contribuir com as despesas, ou mesmo mantê-las integralmente, como diz Vigoya (2018, p. 70), é uma ameaça a identidade masculina: primeiro, porque ocorre a perda de prestígio; segundo, por impedir que assuma essa função associada a seu papel social. Percebe-se que essa ameaça é resultado das condições impostas pela masculinidade ao sujeito, no que diz respeito aos papéis de gênero que ele deve exercer. Assim, mesmo que a maneira pela qual ele expresse a sua masculinidade seja contestável, adequada a um panorama cultural, há padrões

que não deixam de existir, e continuam sobrevoando a mente desse sujeito, impondo limites a ele.

Todavia, apesar de existir uma ameaça capaz de abalar as estruturas da masculinidade, deixando-a em uma certa crise, atualmente, os papéis sociais de gênero estabeleceram novos modelos do seu exercício das identidades masculinas e femininas. Seguindo a dinâmica econômica, as novas políticas globais passaram a inserir ao mercado de trabalho, tanto homens quanto mulheres exercendo a mesma função. Ora, hoje é possível irmos a salões de beleza em que homens são os cabelereiros, trabalhando como professores ou enfermeiros, sem que isso gere alguma dúvida sobre a sua sexualidade (Vigoya, 2018, p. 73). Entretanto, julgá-los estes homens décadas atrás ao qual, provavelmente, usá-los de pejorativos para inferiorizá-los.

Diante disso, percebe-se que nosso imaginário constrói imagens automáticas em que o homem negro seja “naturalmente” heterossexual, destituindo-o de outras configurações relacionadas à diversidade sexual, ou inseridos espaços profissionais em que nossa percepção julgue como próprias para mulheres e não para homens. Entender como essas noções são estabelecidas em nossa sociedade, torna-se essencial para aprofundarmos o debate de desconstrução desses estigmas, que são preconceituosos e racistas. Além do que, é necessário sublinharmos, de acordo com Vigoya (2018), que nossas relações violentas de masculinidade estão vinculadas ao período de escravização colonial que fomos expostos.

As relações das masculinidades com as distintas violências – política, socioeconômica, conjugal, de delinquência comum etc. – que marcam a história da Nossa América é um tema ineludível. Elas estão presentes desde o início na fratura imposta pela conquista e pela colonização europeia e, mais tarde, na dominação das classes oligárquicas e na permanência dos regimes militares no poder durante grande parte do século XX (Vigoya, 2018, p. 77-78).

Essas percepções estigmatizadas que possuímos sobre os papéis de gênero, ao qual o homem não poderia ser professor, enfermeiro ou trabalhar em um salão de beleza, sem que julgemos sua sexualidade, contribuíram para os discursos que carregam inúmeras violências contra essas pessoas. Desta forma, as definições de gênero que desaguam na masculinidade reconstróem o sentido de “*ser homem*” continuamente. Não obstante, essas reconstruções valorizam padrões de masculinidade vinculadas a uma ordem de gênero dominante. Então, apesar da dinâmica social proporcionar mudanças significativas no que tange à cultura do sujeito, elas ainda devem responder ao exercício de poder soberano.

Em resultado a essa dinamicidade cultural, regida pela ordem de gênero dominante, os homens negros passam a incorporar a violência como elemento identitário. Os discursos

preconceituosos, estigmatizados, a exigência sobre o exercício de seu papel de gênero corresponder a uma masculinidade dominante, mesmo que essa esteja se adaptando as mudanças culturais, mas não deixe de possuir padrões de como o macho e a fêmea devem agir, são aspectos que o sujeito internaliza em sua subjetividade. No entanto, essa internalização subjetiva é decodificada e externalizada de forma violenta. A violência pode ser uma forma de relação social que constrói outros vínculos, e não o fracasso desse vínculo social (Vigoya, 2018, p. 81). Ou seja, responder de forma violenta pode ser um modo de buscar a socialização, e impor sua presença.

Portanto, faz-se necessário compreendermos a necessidade que há em reduzir essas violências provocadas pela imposição de normas que regulam os conceitos de gênero e masculinidade ao indivíduo, e como eles irão atuar na sociedade. Existem maneiras mais saudáveis de convivermos com a masculinidade, evitando as suas dinâmicas de violência. Além disso, homens negros são sujeitos que figuram uma imagem violenta devido o contexto histórico de colonização, sexualização, objetificação, mercantilização do seu corpo, e racista, ou seja, são corpos constantemente violentados.

Entender esse fenômeno é de extrema importância, pois nos levará a uma desmitificação de preconceitos enraizados socialmente. Outro fator importante, é a presença do diálogo com teóricas feministas, que abracem a ideia de acolher homens em processo de desconstrução subjetiva, e, com isso, demandem agências⁴ políticas para homens negros, e mulheres vítimas de sua violência, em grande importância às mulheres (Vigoya, 2018, p. 83-94).

A DESEDUCAÇÃO DO HOMEM NEGRO QUE DESEMBOCA NA VIOLÊNCIA

A noção de que o homem negro deve pertencer às ruas e ao crime, é alimentada pela grande mídia, ao qual podemos visualizar a disseminação desses ideais em conteúdos de mídia que retratam a imagem de homens negros como bandidos, traficantes, em situações de rua, em vulnerabilidade econômica, agressivos, ora agredindo suas companheiras ora em confronto verbal ou físico com outros homens, negros ou não. Ao contrário da noção de que os homens negros são atraídos pelas ruas, a grande mídia na cultura patriarcal já os prepara, desde a infância, para buscar a si mesmos nas ruas, para encontrar sua masculinidade nas ruas (Hooks, 2022, p. 80).

⁴ Agências: é a disposição de um indivíduo ou grupo social para se autodefinir e se autodeterminar. Autodefinição: o poder de cada um de dar nome a sua própria realidade. Autodeterminação: o poder de cada um de decidir seu próprio destino (Collins, 2019, p. 459).

No entanto, promover uma educação de qualidade seria uma forma de evitar que homens negros recorram ao mundo do crime como forma de subsistência financeira. Obviamente, que essa educação deve ser financiada por políticas públicas governamentais, que contribuiriam para estabelecer mudança e justiça social na sociedade. Apesar disso, a educação não se torna uma blindagem ao homem negro contra o racismo, ou qualquer outra pessoa negra, violentado por ele diariamente. Pessoas negras, conforme Hooks (2022), inclusive homens negros que recorrem à criminalidade, podem não acreditar que a escola é um local que deseja a sua presença.

O racismo, praticado por colegas de classe, professores e a sociedade, o preconceito visto nos livros didáticos, e acompanhado pelos noticiários, pode desmotivar qualquer aluno negro que esteja buscando se educar. No entanto, mesmo que estes homens negros busquem a educação, e, aparentemente, a sociedade o acolha, ainda sim ele será punido de alguma forma no decorrer do processo de construção enquanto sujeito social. Para Hooks (2022), homens negros são educados a não ter escolha, a não ser escolher a violência.

Jovens negros, desproporcionalmente numerosos entre os pobres, têm sido socializados para acreditar que a força e a resistência física são tudo o que realmente importa. Essa socialização é tão presente no mundo atual quanto durante a escravidão. Preparados para serem mantidos como membros permanentes de uma subclasse, para não terem escolhas e, portanto, para estarem dispostos a matar, sempre que necessário, em nome do Estado, homens negros sem privilégio de classe sempre foram alvo da deseducação (Hooks, 2022, p. 91).

Como diz Bell Hooks (2022, p. 111), homens negros não violentos encaram, todos os dias, um mundo que os vê como violentos. Contudo, consumir imagens negativas sobre si, pode fazer com que o homem negro se renda a essa ideia estigmatizada de um sujeito selvagem, aderindo comportamentos violentos. Ora, se você já é visto como um sujeito agressivo, pode agir como tal. Trata-se de uma cultura branca, que exige do homem negro comportamentos violentos que condizem com o imaginário racista das pessoas. Assim, ao exercer o papel de sujeito perigoso, o homem negro estará apenas legitimando a forma como ele será punido pela sociedade. Ou seja, de acordo com Hooks (2022, p. 111), ser agressivo é a maneira mais simples de afirmar a masculinidade patriarcal.

Consequentemente, o reflexo dessas representações negativas da imagem do homem negro para a sua família não costuma acarretar contextos agradáveis. Boa parte da violência masculina negra é dirigida às mulheres. O machismo e a suposição do direito masculino de dominar servem como catalisadores para essa violência (Hooks, 2022, p. 121). Logo, de acordo

com Hooks (2022, p. 122), a maneira mais aceitável do homem negro expressar sua masculinidade é através da violência contra mulheres negras. Estamos falando de formas de controle e submissão, que propagam a figura da mulher negra como vadias raivosas que devem ser domesticadas, tornando-se corpos alvos para quaisquer violências de gênero e/ou étnica/racial.

Diante disso, é preciso identificar a gênese dessa violência em que o homem negro é socializado. Muitas vezes essa violência se encontra presente na sua infância, ao qual houve escassez de afeto tanto de seu pai como de sua mãe. Além disso, pais negros costumam aderir uma educação violenta, reproduzindo reflexos das violências que também sofreram com seus pais. Para Hooks (2022, p. 130), quase todos os homens negros violentos foram maltratados na infância. No entanto, eles ainda acreditam que a violência é uma forma aceitável de exercer poder, influenciar uma situação, e manter o controle.

Além disto, essa violência está ligada, ao que Hooks (2022) nos diz, a responsabilidade que o homem negro possui sobre se tornar o provedor da família. Ser o responsável pela manutenção financeira do lar, além da coexistência de um cenário político socioeconômico que não gera oportunidades de inserção ao mercado de trabalho e dificulta sua capacitação profissional, são aspectos que afetam consideravelmente sua autoestima. No contexto patriarcal, homens negros são cobrados, além de sua performance sexual, no que tange ao cuidar do bem-estar de sua família. A respeito disso, bell Hooks (2022) nos diz que a mensagem transmitida ao homem negro sobre como “ser homem” é de caráter contraditório, veja:

Boa parte dos homens negros recebeu mensagens contraditórias consistentes da sociedade sobre o que significa ser responsável. A socialização patriarcal diz que você é responsável se conseguir um emprego, levar seu salário para casa e cuidar do bem-estar material de sua família. A pobreza e a falta de oportunidades de trabalho, porém, impediram muitos homens negros de serem responsáveis, no sentido patriarcal do termo. Muitos homens negros aceitam essa definição de masculinidade responsável e passam a vida se sentindo fracassados, sentido como se sua autoestima fosse violentada e atada por todos os lados, porque não podem acessar os meios para cumprir esse papel (Hooks, 2022, p. 161).

Um ponto importante que constitui essa exigência patriarcal em prover o lar, é que muitos homens negros suprimem a ideia de expor suas falhas, ou quando sentem que fracassaram em corresponder ao ideal de homem negro. Neste caso, é no patriarcado que o homem negro perceberá que ele, enquanto gênero masculino, não pode expor seus sentimentos. No entanto, suprimir seus sentimentos mais profundos é uma violência ao homem negro. Desta forma, sem pedir ajuda, eles exalam violência contra si e sua família.

Muitas vezes, a socialização patriarcal segundo a qual os meninos não devem expressar emoções ou receber cuidado emocional é mais cruel e implícita na socialização da primeira infância dos meninos negros. A imagem de homens negros emasculados e castrados está tão presente na imaginação cultural que muitos pais negros sentem que é crucial treinar os meninos para serem “durões” (Hooks, 2022, p. 162).

Deste modo, outro aspecto relevante dessa socialização do homem, é a educação dos meninos negros sem a figura paterna, ou o abandono parental, em que muitos lares de crianças negras estão vazios das presenças dos seus pais, ao qual contam apenas com os cuidados de uma mãe negra, que também pode dar continuidade a reprodução de violências ao educá-los.

O abandono parental se torna uma das opções viáveis dos homens negros para evitar a responsabilidade de cuidar de sua mulher e seus filhos. Em vista disso, mulheres que negociam a narrativa das normas patriarcais, passam a cuidar de seu filho sem a ajuda do pai, acreditando que a presença dele não é importante para o bem-estar da criança, e que ela consegue assumir sozinha a responsabilidade de criá-lo. Observemos os escritos de Hooks (2022) sobre a responsabilidade parental.

Ser pai é um trabalho difícil, árduo e que consome muito tempo, e os homens não costumam querer exercê-lo. Nesse aspecto, os homens negros não são exceção. Da escravidão em diante, muitos homens negros optaram por evitar a paternidade. Eles geram filhos que não tem intenção de criar. Em consonância com mulheres negras que sofreram lavagem cerebral pelo pensamento patriarcal, eles acreditam que o amor do pai não é essencial para o bem-estar de uma criança (Hooks, 2022, p. 187).

O intuito, portanto, é identificarmos as inúmeras configurações sobrepostas a identidade não só do homem negro em si, mas do menino negro que está em processo educativo, e a mulher negra vítima dessa violência. A pensadora Hooks (2022) nos diz a respeito do sistema do patriarcado supremacista branco capitalista imperialista ao qual o homem negro é socializado. A sua socialização nesse sistema não gera sujeitos que evitam a violência, pelo contrário, praticam e são alvos dela. Portanto, faz-se necessário entendermos a necessidade de remarmos uma corrente inversa a qualquer sistema que eduque de forma violenta o homem negro. No entanto, a mudança é um processo progressivo, mas urgente. O artigo não possui o intuito de proteger homens negros, tornando-os vítimas, mas o de percebemos que, enquanto eles forem violentados, haverá reprodução de violência, contra si próprio, mulheres, seus filhos, e a sociedade.

REMANDO COLETIVAMENTE PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA MASCULINIDADE SAUDÁVEL

Inicialmente, a história da escravização dos povos africanos nos traz um contexto equivocado de lascividade entre essas pessoas, destituindo-os de qualquer traço de afetividade que poderia existir em suas relações. No entanto, não faz sentido pensarmos que existia uma lascividade entre eles, tendo em vista que eles estavam um contexto de escravização, no qual eram obrigados ao trabalho escravo, espancados, e sua existência silenciada. Logo, sua única preocupação seria a de sobreviver a esse sistema. Podemos observar isso nas palavras de Hooks (2022),

Todavia, um fato é mais do que evidente: corpos masculinos negros não estavam chegando ao novo mundo obcecados por sexualidade; eles vinham de contextos onde a sobrevivência era mais importante que o desejo sexual. É sempre difícil para os ocidentais lembrar que existem regiões no mundo onde a continua obsessão pela sexualidade que caracteriza a vida na Europa e nas Américas simplesmente não existe (Hooks, 2022, p. 139).

Dessa maneira, de acordo com Lélia Gonzalez (2020, p. 65), duas concepções ideológicas definem, de maneira dúbia e distorcida, a identidade dos negros na sociedade brasileira: por um lado, a noção de democracia racial, e, por outro, a ideologia do branqueamento. Assim, esse branqueamento dos sujeitos é uma força reprodutora de conduta racistas na sociedade. Logo, o clareamento agiria não só na construção de uma sociedade aos moldes de um contexto europeu-estadunidense, mas também afetaria a maneira como destinamos nosso afeto. Consequentemente, pessoas brancas possuiriam mais privilégios ao mercado afetivo do que pessoas negras.

Sendo assim, o status de embranquecimento social de pessoas negras para brancas, nega aos negros uma identidade racial que esteja adequada aos padrões de beleza existentes. Por conseguinte, esse processo embranquecedor, aliado ao sistema de racialização dos sujeitos, priva o homem negro de qualquer modelo social de vida saudável em sociedade. A respeito desse processo embranquecedor definidor de afeto, ao qual determina com quem devemos nos relacionar, e que categorias identitárias as pessoas negras são classificadas, Lélia Gonzalez (2020) nos traz um panorama deste cenário.

Enquanto o mito da democracia racial funciona nos níveis públicos e oficial, o branqueamento define os afro-brasileiros no nível privado e em duas outras esferas. Numa dimensão consciente, ele reproduz aquilo que os brancos dizem entre si a respeito dos negros e constitui um amplo repertório de expressões populares pontuadas por imagens negativas do negro: “Branco correndo é

atleta, negro correndo é ladrão”; “O preto, quando não suja na entrada, suja na saída”; “Branca para casar, mulata para fornicar, negra para trabalhar” etc. (Gonzalez, 2020, p. 69).

Gonzalez (2020, p. 195) já observava no Brasil que o número de casamentos interraciais, entre pessoas de raças diferentes, era bem menor que o casamento intrarracial, entre pessoas da mesma raça. No entanto, o homem negro ao ascender financeiramente, aumentando o seu nível de rendimento e educacional, possuía preferência pelo casamento com mulheres brancas do que com negras. Frantz Fanon (2008, p. 30) destacou que o homem negro ao rejeitar a mulher negra, para se casar com a mulher branca, tenta traçar um caminho que fará com que ele, em seu imaginário, ocupe os mesmos espaços em que homens brancos estejam ocupando.

Se o homem negro possui em seu imaginário a ideia de que será mais bem aceito pela branquitude se casando com uma mulher branca, e para isso ele precisa rejeitar a mulher negra, ele está, de acordo com o pensamento de Gonzalez (2020, p. 211), a serviço das classes brancas dominantes, após ter passado por uma, como Gonzalez (2020) mesmo diz, lavagem cerebral de branqueamento. Ou seja, cada vez mais distanciado da comunidade negra, ele vai internalizando e reproduzindo valores ideológicos “brancos” (racismo), chegando ao ponto de se envergonhar e finalmente desprezar sua comunidade de origem (Gonzalez, 2020, p. 212).

No entanto, o processo de rejeição não é só da mulher negra, mas é também de si mesmo. Pois, ao rejeitar a mulher negra ele também está rejeitando a sua existência, pois de acordo com Fanon (2008), é como se fosse uma espécie de suicídio do seu Eu. Portanto, negar a si próprio e sua etnia, é como se ele estivesse provocando sua própria morte, ou seu suicídio, em favor da aceitação da branquitude. Essas configurações, que estão ligadas ao racismo, personificar-se-ão em atitudes machistas do homem negro para com a mulher branca, ou entrar em um campo de rivalidade para com o homem branco, de acordo com Gonzalez (2020).

Ora, se o homem negro faz parte de um sistema que o racializa, projetando a ideia de superioridade entre as raças, e reproduz o conceito de que o clareamento racial constitui um modelo de sociedade brasileira adequada, em ambas as projeções, tanto o embranquecimento como a sua racialização, o homem negro é destituído de sua própria humanidade para dar lugar ao pensamento da cultura embranquecedora dominante. Em uma análise a respeito do cenário racial brasileiro, Patricia Hill Collins (2021) nos faz observar que o mito da democracia racial é capaz de apagar identidades negras, inviabilizando o modo como a desigualdade social pode afetar vidas negras.

Ironicamente, o mito da identidade nacional brasileira apagou a raça para construir uma filosofia de democracia racial em que ser brasileiro substitui outras identidades, como as de raça. Em essência, ao apagar a categoria política de raça, o discurso nacional da democracia racial eliminou a linguagem que poderia descrever as desigualdades raciais que afetavam a vida das pessoas negras brasileiras (Collins, 2021, p. 39).

Esse processo ao qual se concentra o discurso de democracia racial, possui o poder de desumanizar identidades negras, propiciando a objetificação e sexualização dos seus corpos. Além disso, os homens negros que cooperam com sua própria desumanização sexual frequentemente o fazem porque adquiriram consciência sexual por meio do abuso, muitas vezes nas mãos de outro homem negro (Hooks, 2022, p. 148). Dessa forma, homens negros que respondem a essa desumanização sexual estão sujeitos a submissão de relações com pouco afeto, voltadas apenas para intercursos sexuais e sexualização dos seus corpos. O corpo masculino do homem negro, apesar de temido, ainda é desejado, tornando-se tão objetificado nos dias de hoje como na escravidão, conforme dito por Hooks (2022, p. 152). O homem negro possui um corpo transfigurado para o desejo, ainda por Hooks (2022, p. 152).

Desse modo, o cenário em que o homem negro se encontra é contextualizado por bell Hooks (2022) como o sistema patriarcal supremacista branco capitalista imperialista. É interessante compreendermos a visão de Hooks (2022) quando ela fala desse sistema de poder, pois ele figura mecanismos de opressão responsáveis pela manutenção de sua própria estrutura de dominação. No entanto, podemos vincular a perspectiva da teórica afro-estadunidense Patrícia Hill Collins (2019) ao conceito de sistema de dominação patriarcal supremacista branco capitalista imperialista de Hooks (2022), de modo que possamos esclarecer epistemologicamente as ferramentas de opressão utilizadas no interior de seus domínios.

A intelectual Patrícia Hill Collins (2019) desenvolve um importante pensamento a respeito do que ela denomina como *matriz de dominação*⁵, ao qual possui em sua estrutura quatro tipos de domínios de poder inter-relacionados: o estrutural, o disciplinar, o hegemônico e o interpessoal. Cada um exerce um papel de domínio específico, que está relacionado a organização do poder como estrutura, a administração da disciplina que controla os sujeitos, a opressão hegemônica que eles sofrem e o interpessoal, que como Collins (2019, p. 437) mesmo diz, influencia a experiência cotidiana e a consciência individual dela decorrente. Porém, estes

⁵ Matriz de dominação: organização geral das relações hierárquicas de poder em dada sociedade. Qualquer matriz específica de dominação tem: (1) um arranjo particular de sistemas interseccionais de opressão, por exemplo, raça, classe social, gênero, sexualidade, situação migratória, etnia e idade; e (2) uma organização particular de seus domínios de poder, por exemplo, estrutural, disciplinar, hegemônico e interpessoal (Collins, 2019, p. 460).

conceitos de domínios, para Collins (2019), não são tão diferentes dos conceitos que envolve a cultura patriarcado supremacista branco capitalista imperialista ao qual hooks (2022).

Deste modo, para realizarmos uma análise mais sintética sobre a terminologia utilizada por Hooks (2022), iremos destrinchar cada termo, alisando-os separadamente, para que possamos compreender o trabalho desenvolvido das duas intelectuais sobre os sistemas de opressão social. Porém, quando Collins (2019) desenvolve suas quatro perspectivas de domínio, ela faz relação direta com as mulheres negras afro-estadunidenses, enquanto hooks (2022) fala sobre os homens negros afro-estadunidenses. No entanto, isso não significa que estejamos proibidos de assimilar a ideia de Collins (2019) sobre os homens negros, que também são sujeitos que vivem sob esses domínios.

Portanto, vejamos o primeiro domínio, o disciplinar, ao qual ele é um mecanismo de opressão em que, de acordo com Patricia Hill Collins (2019, p. 443), a sua forma de governar é baseada em hierarquias burocráticas e técnicas de vigilância, ao qual ele administra essas relações. Podemos, então, identificar nesse domínio uma forma de controle do patriarcado, em que ele disciplina as masculinidades dos homens, inclusive do homem negro, disciplinando-os com o intuito de formar sujeitos obedientes à relação binária de gênero, macho e fêmea, alocando cada sexo em seu devido papel social de homem e mulher na sociedade. Ou seja, de acordo com o que foi visto anteriormente, a imagem que o patriarcado possui do homem negro é de um sujeito com masculinidade violenta, tendo em vista que o homem branco figura o seu oposto. Dessa forma, o patriarcado se torna o domínio disciplinar da masculinidade, disciplinando os homens negros ao exercício de sua virilidade.

Outro domínio importante é o estrutural ao qual, conforme Collins (2019, p. 438), ele possui como característica a sua ênfase em instituições sociais de grandes dimensões e articuladas. Além disso, ainda sob o pensamento de Collins (2019, p. 439), o empoderamento de indivíduos e grupos não tem como florescer se não houver mudanças nas instituições sociais que promovem exclusão. Dessa forma, a organização supremacista branca de hooks (2022) pode ser associada a ideia de Collins (2019) quando esse sistema reacende o retorno das ideologias racistas, ao limitar, excluir e subordinar homens negros à dinâmica da sociedade. Ou seja, no sistema supremacista branco o homem negro é destituído do afeto, cria-se desvantagem ao mercado de trabalho, e sua imagem é estigmatizada como o “*bandido*”.

O terceiro domínio é o hegemônico, ao qual, de acordo com Collins (2019, p. 447-448), controla a ideologia, cultura e consciência dos sujeitos, e visa justificar as práticas exercidas desse domínio de poder. Este domínio atua como elo entre as outras instituições, legitimando o

exercício de poder de cada uma. Desta forma, ele age como o sistema capitalista ao qual o seu território de domínio abrange inúmeros sistemas que possuem mecanismos de opressão, como o racismo e o patriarcado. O homem negro no sistema capitalista é o corpo alvo das mais diversas violências, desde o período colono em que houve a escravização de pessoas africanas até o racismo enfrentado atualmente, e que ainda continua a reproduzir comportamentos colonizadores e de uma escravidão moderna da pessoa negra, seja explorando sua mão-de-obra, ou renegando-a à marginalização.

Por fim, o quarto domínio é o interpessoal ao qual, conforme Collins (2019, p. 452), ele funciona seduzindo, pressionando as afro-americanas, os membros dos grupos subordinados e todas as pessoas a substituir formas individuais e culturais de conhecer pelo pensamento especializado do grupo dominante – ideologias hegemônicas que, por sua vez, justificam práticas de outros domínios de poder. Desta maneira, estamos falando de um processo que legitima a continuidade da opressão, ou seja, uma noção imperialista de domínio, que atua na subjetividade do sujeito. Esse sistema de domínio interpessoal, de acordo com Collins (2019, p. 453), diz respeito ao modo como as pessoas se tratam. Ou seja, podemos nos remeter ao imperialismo da pessoalidade do homem negro em que, cansado da violência diária que sofre por conta do racismo, busca pertencer ao mundo branco, como meio de fugir dessas violências. A exemplo disso, como diz Frantz Fanon (2008), muitas vezes o casamento do homem negro com a mulher branca seria uma forma de se blindar contra o racismo, acreditando que a branquitude o aceitará como um dos seus.

Portanto, é importante repensar a masculinidade como um projeto de desconstrução da identidade homem negro, direcionando-se a uma política de empoderamento. Com isso, investigar como a estrutura sistêmica mantém as configurações de masculinidade, afetando a vida do homem negro negativamente, é uma maneira de remarmos em direção a uma corrente que priorize o afeto aos homens negros, como tentativa de compreensão e acolhimento de suas dores. Esse é o caminho para o processo de sua cura interior, o que não significa que ele possa estar sozinho. É remarmos por esta correnteza juntos, enfrentando os inúmeros sistemas de poder que nos obstruem. Remando, podemos trilhar um percurso que nos leve à mudança e justiça social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante desse breve artigo, que buscou analisar a masculinidade através das perspectivas de autoras intelectuais importantíssimas que estudam esse fenômeno, e como ele se faz presente

na vida do homem negro, influenciado seu comportamento social, afetando suas relações afetivas, tentamos esclarecer de que modo ocorre o exercício dos papéis de gênero entre homens e mulheres, e como o poder dominante controla a masculinidade de homens negros.

Primeiramente, trouxemos aspectos fundamentais do pensamento de Maria Viveros Vigoya, que nos ajudaram a perceber que os papéis de gênero da masculinidade podem ser revistos, e não é uma categoria fixa. A masculinidade está ligada a um aspecto cultural do sujeito, que alimenta um sistema dominante, mas que podemos encontrar dentro delas mudanças significativas. Por exemplo, a mudança cultural ao observamos que os homens atualmente assumem profissões que antes eram estigmatizadas, como o trabalho de professor, enfermeiro ou trabalhar em um salão de beleza.

Adiante, o encontro com a leitura de bell hooks nos trouxe um aspecto de acolhimento às identidades de homens negros. A autora é capaz de nos fazer perceber que homens negros, vivendo em lares disfuncionais e violentos, não constroem uma masculinidade saudável, e que este cenário deve mudar. A característica fundamental que trará essa mudança é o afeto. Homens negros precisam passar por um processo de cura, ressignificando as experiências violentas que viveram, e entendendo a necessidade de sua figura como pai na educação de seus filhos negros. É no lar de um menino negro que também começa esse processo, distribuindo muito afeto, acolhimento, e sempre buscando se manter disponível emocionalmente.

As autoras Patricia Hill Collins e Lélia Gonzalez dão continuidade a contribuição ao desenvolvimento desse artigo. Ao conceber o pensamento sobre os estudos a respeito da branquitude, Lélia Gonzalez nos esclarece que o discurso de democracia racial funciona como uma mola propulsora ao qual movimenta as pessoas negras ao declínio de suas identidades, aproximando-os ao que o mundo dos “branco” espera que aconteça, pessoas negras desumanizadas, servindo ao sistema de controle do embranquecimento de suas subjetividades, destituindo-os de afeto.

Ademais, Patrícia Hill Collins é responsável por nos trazer os conceitos de domínio de poder, que são o estrutural, disciplinar, hegemônico e o interpessoal. Esses termos se tornam importantes para desenvolvermos uma leitura epistemológica do que hooks chama de a cultura do patriarcado supremacista branco capitalista imperialista.

Ambas as leituras, tanto de hooks quanto de Collins, foram fundamentais para entendermos as configurações de opressão que controlam, disciplinam e reproduzem continuamente o discurso de dominação e poder aos homens negros. Tais conceitos são necessários para desconstruirmos o imaginário de que todo homem negro é violento, que agride

sua companheira, e abandonam seus filhos, deixando a responsabilidade do cuidado e educação às mulheres negras. A relevância do artigo é a de nos fazer compreender esse cenário, e, coletivamente, encontrarmos meios de driblar os mecanismos dos sistemas opressores que tentam controlar os corpos dos homens negros. Assim, iremos construir relações saudáveis, com muito afeto e acolhimento.

REFERÊNCIAS

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019. 496 p.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021. 288 p.

COLLINS, Patricia Hill. **Política sexual negra**: afro-americanos, gênero e o novo racismo. Rio de Janeiro: Via Verita, 2022. 480 p.

CONNELL, Robert William. Política da masculinidade. **Revista Política e Realidade**, jul.-dez., p. 185–206, 1995.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. 194 p.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos / organização Flavia Rios, Márcia Lima. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. 376 p.

HOOKS, Bell. **A gente é da hora**: homens negros e masculinidade; tradução de Vinícius da Silva. São Paulo: Elefante, 2022. 272 p.

VIGOYA, Mara Viveros. **As cores da masculinidade**: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América. Tradução de Allyson de Andrade Perez. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018. 224 p.